

190



A disputa pelo poder nas reservas indias obriga famílias inteiras a deixarem seus lares

Índios buscam o direito de escolher seu cacique

O ex-cacique Sebastião Alfaiate chegou ao poder através de um golpe de Estado. Seu sucessor, Ivo Ribeiro, também assumiu a liderança dos Caingangue à força. Agora, prepara-se a queda de Ivo e, pela primeira vez, o novo cacique da Guarita poderá emergir da indicação da maioria. Se isso ocorrer, os índios desta que é a maior reserva do Estado estarão — depois de indúziados à exploração predatória de suas florestas, ao vício da cachaça, à corrupção e à divisão da comunidade em classes — absorvendo um saudável hábito dos brancos: o voto secreto para escolher seus líderes.

Quando chegou ao poder, há pouco mais de ano, o atual cacique da Guarita, Ivo Ribeiro, talvez não imaginasse que sua gestão seria tão intranquila e tampouco que poderia ser a última da reserva a não ter representatividade. No início desta semana, uma mobilização iniciou a derrubada de Ivo, acusado de perseguir, com forte repressão, quem se opõe às suas decisões, geralmente favoráveis a um restrito grupo que representa o topo da pirâmide social em que os Caingangues se viram divididos.

Ivo não introduziu, contudo, nenhuma inovação na forma com que os aproximadamente 1.800 indígenas da reserva vêm sendo "liderados" há várias décadas. Ele era o capitão (uma espécie de administrador com amplos poderes), de uma das duas aldeias da reserva, a de São João do Irapuá, e braço direito do ex-cacique Sebastião Alfaiate. Ivo conseguiu formar seu grupo de influências e, no final de 1981, decidiu derrubar Alfaiate, que há 19 anos havia chegado ao comando da Guarita e hoje está confinado na reserva de Nonoai.

O golpe foi movido por interesses que vão bem além do simples desejo de liderar uma tribo. A Guarita, com seus 23 mil hectares, localizada nos municípios de Miraguai, Tenente Portela e Redentora, na fronteira do Rio Grande do

Sul com Santa Catarina, é uma mina de lavouras férteis e uma vasta floresta. Ali, sob a indução dos brancos, os índios passaram a viver de rendas — arrendando suas terras e permitindo a retirada de madeira que abre clareiras na mata.

Ivo é agora o "administrador" da exploração da Guarita, onde o cacique, com seus assessores e, através de alianças com os brancos que residem na área, assume a condição de chefe intocável. Segundo o caingangue Neri Kame Si Ribeiro, de 31 anos, aluno de Estudos Sociais da Fiden, de Ijuí, o atual cacique apenas ampliou seus poderes, pois desde a época em que era apenas capitão de Itapuá ele vinha comandando a repressão aos descontentes. Neri, o índio mais "letrado" da Guarita, é monitor (professor da 4.ª série do 1.º Grau), empregado da Funai, e filho de Domingos Ribeiro, um dos indicados para substituir Ivo.

ARRENDAMENTOS

O poder do atual cacique pode ser avaliado a partir da extensão de sua "propriedade": 400 hectares que estão arrendados. Poucos têm tanta terra na reserva, onde o patrimônio de cada um é o reflexo de sua condição social. Em função disso é que fica a cargo do grupo dirigente a concessão de áreas, a expropriação e

o quase controle dos arrendamentos. Há na Guarita, conforme estimativa de Neri, em torno de 300 arrendatários, que exploram perto de 10 mil dos 11 mil hectares de lavoura.

As compensações deste negócio não são muitas para quem possui pouco — no caso a maioria — mas privilegia os chefes. "Tinha gente que arrendava terra a Cr\$ 500,00 o hectare", conta Neri, que tentou alterar esta situação, sem muito êxito, quando assumiu, no final de 81, a presidência da Associação Indígena dos Produtores Rurais da Guarita. A associação, criada por sugestão do ex-chefe da Funai em Irapuá, Albertino Pereira Soares Filho, chegou a lidar com a questão dos arrendamentos, quando Ivo Ribeiro interferiu.

Neri conta que a entidade pretendia dar orientação técnica aos índios, difundir cuidados com o meio ambiente e disciplinar a exploração das terras pelos brancos. Isso foi feito até o final do ano passado: a entidade assessora os caingangues quando da assinatura dos contratos — para que os indígenas não fossem logrados. Esta interferência feriu os interesses dos grandes, e Ivo determinou que este tipo de assistência fosse suspenso.

EXPROPRIAÇÕES

Mesmo assim, a associação conseguiu, pelo menos, estabelecer valores mais próximos da realidade para os arrendamentos. Hoje, os índios cobram, em média, por ano, Cr\$ 25 mil pelo aluguel de um hectare, um preço razoável na região. "Mas nós pretendíamos mesmo era impor condições para que os brancos desistissem de arrendar", conta Neri, pois a lavoura era emprestada pelo prazo de um ano. Ele esperava que, aos poucos, os arrendatários fossem abandonando a reserva.

O caingangue universitário acha que a reserva deve ser explorada pelos próprios índios, mesmo que admita ser esta uma posição surpreendente, partindo de quem, como ele, é casado com Maria Ivanir (com quem teve um filho, Rodrigo, de três anos), filha de um dos arrendatários que invadiram a Guarita. Sem os arrendamentos — entende ele —, a distribuição das terras poderia ser mais justa. Hoje, a aproximação com os chefes é que garante a ampliação das "propriedades", que, na verdade, não asseguram posse a ninguém.

Neri, por exemplo, ganhou 15 hectares de terra há dois anos, cedidos pelo então cacique Alfaiate. Este pedaço de lavoura foi tomado de uns "200 ou 250 hectares de um preto, que morava na reserva e se passava por índio". O pai de Neri, Domingos Ribeiro, também perdeu pedaços de terra expropriados por determinação de Ivo. "O pai tinha uns 80 ou 90 hectares e ficou com uns 35. Ele ainda arrenda outra parte".

Poucos, como Neri, que cultiva milho e soja, cuidam de suas lavouras. E esta deverá ser uma questão para centralizar divergências, a partir do encaminhamento da sucessão de Ivo. Domingos Ribeiro, que liderou, com outros Caingangues, a revolta contra o atual cacique, é apontado como forte candidato a sucessor, mas ainda não se definiu sobre os arrendamentos. Neri garante que o que se questiona hoje "é o relacionamento do Ivo com a comunidade. Ele é violento, não leva em consideração quem merece e manda prender ou transferir para outras reservas os que discordam".

CONFIDENTE

O pai de Neri é respeitado na Guarita, mas não conseguiu eleger-se vereador, pelo PDS, concorrendo nas últimas eleições em Miraguai. Domingos sempre discordou do comportamento de Alfaiate e Ivo, e agora seu nome é indicado para participar da disputa pela sucessão em eleições com voto direto. "O pessoal mais novo é que defende esta idéia", conta Neri, que se orgulha de dar conselhos inclusive "aos mais velhos". Na última quarta-feira, ele pegou o telefone e ligou para o pai, que participava de gestões na Funai, em Porto Alegre, para recomendar: "O pessoal está esperando muito de nós, e a gente não pode desiludir esta gente".

Do outro lado, Domingos ouviu muito e falou pouco. Ele tem o apoio da Funai para assumir como cacique, e seu filho garante que, numa eleição direta, sua indicação é segura. Para Neri, só a eleição — como já ocorre em outras reservas, fora do Estado — pode terminar com as oligarquias que, historicamente, vêm controlando a Guarita. Aliado, à distância, aos que pretendem derrubar Ivo Ribeiro — do qual diz não ser parente, apesar do sobrenome —, ele adverte: "Ninguém pretende expulsar os brancos à força. Nós não podemos dizer que não queremos saber do branco de jeito nenhum, pois nós também precisamos deles".

Para antropóloga a política oficial é contra os indígenas

Alfaiate e Ivo Ribeiro não foram nada mais do que uma estrutura de poder que pouco ou nada tem a ver com os índios, segundo a antropóloga Lígia Simonian, da Fiden, de Ijuí. Lígia, que conhece as reservas gaúchas e convive há vários anos com indígenas caingangues e guaranis para preparação de uma tese de mestrado, observa que desde o século passado os caciques são manipulados, sempre contra os interesses de suas tribos. Os chefes Neri, Cacique Doble e Kondá servem, segundo ela, como exemplos históricos da subordinação dos índios a interesses políticos e econômicos.

Foi assim, com os caciques pagos pelo Governo, no século passado, que as reservas foram absorvendo uma estrutura militarista, a partir de suas chefias, para depois dividirem-se em classes. Na reserva da Guarita e em outras tantas, há o cacique como autoridade máxima: o coronel, que é um tipo de chefe militar, o major, assessor do cacique, e o capitão, que administra as povoações. Nessas povoações, transitam e ditam normas também o sargento, o cabo e as "policiais", encarregados geralmente da repressão.

Motopolizando decisões, e com o respaldo oficial, estes dirigentes assumem, automaticamente, todo o controle de uma reserva e passam a constituir a sua elite. Obediente à hierarquia, o índio começa — afirma Lígia Simonian — a incorporar a estrutura de classes de nossa sociedade, os mecanismos de ascensão social". Surgem, então, os índios ricos, os remediados, os pobres, como ocorre na Guarita, onde a acumulação de rendas e bens privilegia a minoria e, é claro, marginaliza muitos dos que não conseguem participar desta competição.

Alianças

Esta elite forma alianças com brancos — geralmente também fortes política e economicamente — e desfruta das compensações oferecidas pelo poder. Na Guarita, isso se traduz na concessão das terras para arrendamentos e na venda de madeira da floresta nativa. Os privilégios não são, no entanto, garantia de estabilidade ou real melhoria nas condições de vida. Alfaiate, por exemplo, deve ter sido logrado mui-

tas vezes — ou na maioria delas — e agora está exilado em Nonoai, de onde, como um velho ditador, ajuda a conspirar contra Ivo Ribeiro.

Para a antropóloga, o estímulo à corrupção não é tão novo como parece. O precedente para arrendamento das terras foi aberto pelo extinto SPI (Serviço de Proteção ao Índio), e esta forma ilegal de assegurar rendas aos indígenas teve depois o apoio da Funai. Esta foi, segundo ela, uma saída encontrada, não só na Guarita, mas também em outras reservas, para amenizar tensões sociais, abrindo espaços para a ocupação das áreas por colonos sem terra.

Divisão

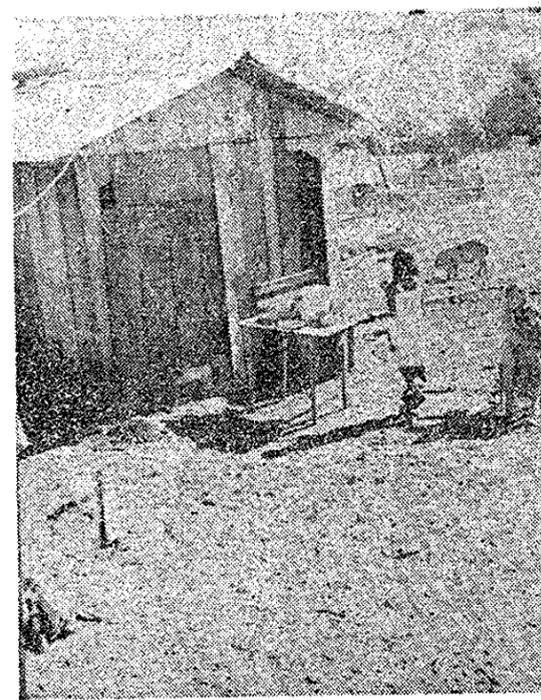
Também foi da Funai — assegura a antropóloga — a iniciativa de dividir a Guarita em dois postos administrativos (de Irapuá e Guarita), em 81, sob o argumento de que a reserva é muito extensa. A Fundação Nacional de Apoio ao Índio mantém agora dois funcionários (chefes de postos) na área, e começa a provocar "uma divisão de lideranças, com o enfraquecimento da comunidade indígena". Esta ameaça existe, já que os índios — que mantêm um cacique — pensam, estimulados pela divisão administrativa dos brancos, em também cortar a reserva ao meio.

De acordo com esta proposta, Ivo Ribeiro ficaria com uma fatia e os descontentes com outra. Lígia Simonian se opõe à sugestão, e assegura que a Guarita pode voltar a ter apenas um posto. Para ela, mesmo que a iniciativa dos índios mais jovens, favoráveis à realização de uma eleição, seja o início de uma reação contra as chefias autoritárias, a situação da reserva só será alterada com mudanças em toda a política indigenista oficial.

"Necessitamos de uma política pró-índio, que ouça o indígena, que atenda os seus interesses", diz a antropóloga, observando que os habitantes das reservas devem inclusive ser informados sobre os aspectos negativos da estrutura de nossa sociedade". Só assim os indígenas poderão melhor interpretar, entre outras coisas, a situação de muitos dos arrendatários que, antes de serem especuladores, são, na verdade — segundo Lígia Simonian — agricultores que não têm onde plantar.



Ex-cacique Sebastião Alfaiate



Nas comunidades, existem índios muito pobres



O arrendamento de lavouras aos brancos é prática usual